

5. Considerações finais

Após toda a exposição realizada, nosso estudo aponta para alguns importantes caminhos para ainda serem trilhados, caminhos que ajudarão cada vez mais a desvendar realidades ainda não muito bem analisadas e entendidas. Dessa forma, esse último momento é um convite para, justamente, não concluirmos.

Primeiramente é válido enfatizarmos que nossa visão sobre os territórios de cárcere legal estão cada vez mais desligados das suas funções originais. Confinar, a disciplinar e a docilizar são atribuições que em muito escapam da atual realidade. Ao que tudo indica, as prisões se tornaram locais de sobrevivência do narcotráfico, ou seja, locais onde as lideranças encontram refúgio e matérias tecnológicas suficientes para administrarem seus negócios (SANTOS, 2005). A consistente articulação reticular presídios-favela parece se fortalecer a partir do campo de poder produzido pelos presídios. Por conseguinte, os membros do narcotráfico são vistos como difusores de ideias e símbolos, materializando no espaço o poder da sua facção. Poder este que é alvo de sangrentas disputas entre diferentes agentes (facções, Estado, sociedade civil) na arena pública, que, por sua vez, é travestida sob diferentes configurações territoriais segundo o agente dominante.

Nossa proposta analítica de Microgeografia, entendida como uma trilha para que se busque evidenciar *geo-grafias* pouco reconhecidas empiricamente e bastante vulneráveis à marginalização teórica, tentou, ao longo desse trabalho, evidenciar a grande relevância dos saberes “menores” para a compreensão da realidade que os compõem. A pesquisa qualitativa, valorizando particularmente cada situação, sem o enquadramento em modelos pré-estabelecidos, é uma importante aliada nessa tentativa, pois nos permite, ou melhor, nos impede de considerarmos as realidades individuais como dados aprioristicamente anexados a um modelo explicativo. É fundamental, portanto, que a pesquisa geográfica, qualquer que seja, esteja atenta aos detalhes, às pequenas evidências, às minúcias que parecem pouco acrescentar, pois ali, certamente, estarão pistas valiosas de entendimento da realidade.

Portanto, entendemos que o poder do narcotráfico na cidade do Rio de Janeiro se materializa e ganha maior expressividade simbólica a partir do domínio de vidas que pouco parecia importar para a sociedade e para o Estado, como também a partir do controle de pequenos territórios que em nada pareciam interessar à grande parte do poder público. Adultos e jovens, marginalizados pela sua condição social, são cooptados em territórios tutelados pelo próprio Estado por uma ideologia, inicialmente de contestação e hoje já tomada pelo capital, e se fazem ouvir, se fazem presentes nos desdobramentos políticos e sociais da cidade. Mais do que isso: grandes parcelas da sociedade carioca, confinada em territórios de cárcere ilegais se distribuem em diferentes facções, causando grandes perturbações socioespaciais e, ainda assim, são tratados de forma geral, sob diversos desígnios, como os de traficantes, de bandidos, de marginais. Desta forma, acreditamos que enquanto o fenômeno da violência continuar a ser visto e analisado de maneira “global”, distante das realidades individuais, ignorando o movimento transescalar dos fenômenos sociais, tangenciando manifestações socioespaciais, muito pouco caminharemos no sentido de revelarmos as *geo-grafias* da violência.

São justamente com o objetivo de compreensão das *geo-grafias* da violência que os conceitos de lugar e território se mostram muito importantes. A observação e o entendimento do fenômeno da violência se fazem possíveis através da percepção das evidências espaciais apresentadas por estes dois conceitos. Enquanto o lugar revela as diferentes formas de apropriação individual e coletiva do espaço, por intermédio do medo, o território aponta as diversas tramas envolvendo diferentes agentes que resultam num complexo feixe territorial composto de diferentes forças, de diferentes *geometrias do poder*. Se é no lugar que conseguimos captar, com maior riqueza de detalhe, as minúcias que constituem a violência, em suas diferentes facetas, o território nos coloca de frente com as verdadeiras expressões dos poderes envolvidos.

Entretanto, o entendimento destes dois conceitos só se torna possível se os observamos com o cuidado escalar. Sem esta preocupação estaríamos desconsiderando as variações do nosso fenômeno, entendendo-o, equivocadamente, como “refém” de uma única escala de ocorrência. A abordagem transescalar permitiu conferir ao nosso estudo uma maior dinâmica, fugindo de visões estáticas e dotando a

pesquisa de uma maior fluidez. Esta característica nos obriga a termos sempre em mente que nosso estudo está incompleto, pois não temos capacidade de acompanhar o incessante movimento transescalar do fenômeno da violência, uma vez que se estabelecem fluxos, cada vez mais dinâmicos, entre os pontos locais e os supralocais. E é na busca por compreender as novas realidades que se constroem, investigando as novas e as renovadas geo-grafias, que este estudo ainda guarda importantes informações a serem reveladas.